



O PAPEL DO TERRITÓRIO E DA SUBJETIVIDADE NAS NARRATIVAS ORAIS DO INTERIOR

THE ROLE OF TERRITORY AND
SUBJECTIVITY IN ORAL NARRATIVES FROM
THE INTERIOR

EL PAPEL DEL TERRITORIO Y LA
SUBJETIVIDAD EN LAS NARRATIVAS
ORALES DEL INTERIOR

 10.5935/2177-6644.20230033

Beatriz dos Reis Silva *

 [0000-0001-7551-7045](https://orcid.org/0000-0001-7551-7045)

Resumo: Este artigo busca analisar a importância das narrativas orais interioranas como representação do território e da subjetividade. O objetivo deste estudo é demonstrar que tais narrativas têm um papel fundamental para a análise da subjetividade e do território dentro dos Estudos Literários, principalmente dentro da Narratologia, além disso, também é intenção demonstrar a relevância de tais narrativas, que são movidas pelo afeto, para assim conseguir que essas memórias e lembranças sejam eternizadas, para que, na sociedade contemporânea, não possam ser esquecidas e negligenciadas, adquirindo assim o seu devido valor.

Palavras-chave: Narrativa. Subjetividade. Memória. Território. Interior.

Abstract: This article seeks to analyze the importance of rural oral narratives as a representation of territory and subjectivity. The objective of this study is to demonstrate that such narratives have a fundamental role in the analysis of subjectivity and territory within Literary Studies, mainly within Narratology, in addition, it is also the intention to demonstrate the relevance of such narratives, which are driven by affect, in order to ensure that these memories and memories are immortalized, so that, in contemporary society, they cannot be forgotten and neglected, thus acquiring their due value.

Key-words: Narrative. Subjectivity. Memory. Territory. Inside/inland

Resumen: Este artículo busca analizar la importancia de las narrativas orales rurales como representación del territorio y de la subjetividad. El objetivo de este estudio es demostrar que tales narrativas tienen un papel fundamental en el análisis de la subjetividad y el territorio dentro de los Estudios Literarios, principalmente dentro de la Narratología, además, también se pretende demostrar la relevancia de estas narrativas, las cuales están impulsadas por afecto, con el fin de lograr que esos recuerdos y memorias queden immortalizados, para que, en la sociedad contemporánea, no puedan ser olvidados y descuidados, adquiriendo así su debido valor.

Palabras-clave: Narrativa. Subjetividad. Memoria. Territorio. Interior.

* Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP. 
[0547007559000044](https://orcid.org/0547007559000044) - E-mail: beatriz.reis@unifesp.br.

A minha pequena cidade

*Possui diversas casas de madeira
Um chão cheio de terra e paralelepípedo
Tem frutos bem coloridos em cada fruteira
e há pasto em todo o seu redor*

*Na minha terra tem parentes em cada esquina e
gente reunida na praça
Todo dia há pássaros a cantar e
vozes sempre a clamar
um bom dia, um olá, ou um como vai*

*A infância se segue na rua com pipa
Bola ou até mesmo a própria enxada
junto da colheita e da agricultura
temos sempre um sim senhor junto com um não senhora*

*Festa de São Pedro, anisete e fogueira
fazem parte da história e das lembranças,
junto da ponte quebrada e dos pés descalços
Por fim, uma longa estrada está a ligar os
caminhos e os corações de todos os filhos de Teçaindá.
Reis, Beatriz.*

Introdução

As memórias da família Silva, que mora/morava em uma cidade do interior de São Paulo, chamada Martinópolis, são o *corpus* desta investigação. Essa família tem um interesse particular em contar histórias e, dentre seus integrantes, alguns podem ser considerados narradores e contadores de história natos. Martinópolis é um município brasileiro do Estado de São Paulo que atualmente possui cerca de 25 mil habitantes. Localiza-se na porção Oeste do Estado e destaca-se por apresentar uma extensa área (1.253 km²) (IBGE, 2003). O município está subdividido em três distritos: Martinópolis, Guachos e Teçaindá. Todavia, as memórias que foram gravadas para compor o *corpus* desta pesquisa, ainda durante a Iniciação Científica¹, não se referem necessariamente à localidade de Martinópolis mas, antes à Teçaindá, que anteriormente levava o nome de Patrimônio de São Pedro, mais conhecido também como Quilômetro Dezoito por ser essa a distância até o centro da cidade de Martinópolis. O nome Teçaindá é de origem Tupi-Guarani e significa “lugar agradável, aprazível”. Todavia, atualmente, esse artigo se insere dentro uma pesquisa de mestrado², a

¹ Título da pesquisa: *As performances e a construção de identidades: um estudo sobre memórias corporificadas através de narrativas orais* foi realizada junto a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), tendo como orientadora a Dr.^a Fernanda Miranda da Cruz.

² Pesquisa de Mestrado da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), *Campus* Guarulhos, Área de concentração dos Estudos Literários e Linha de pesquisa: Questões de representação: poéticas e suas reapropriações com orientação de Prof.^a Dr.^a. Leila de Aguiar Costa, que tem como objetivo geral a construção da memória e da subjetividade em narrativas orais, além de compreender sua importância na configuração

qual tem buscado se valer de questões sobre a importância das narrativas orais, balizadas pelos afetos, pelas subjetividades e poeticidades no registro da sociedade atual, através dos modos narrativo-poéticos pelos quais tais histórias se enunciam.

Imagem 1: Retrato da família Silva e seus narradores.



Fonte: Elaborada pela autora.

A família Silva, ou melhor, Geraldo da Silva e Palmira Teixeira da Silva tiveram 10 filhos³, os responsáveis pelas narrativas que compõem este estudo. A matriarca e o patriarca da família eram filhos de imigrantes portugueses, nascidos na Ilha da Madeira. Ambos, pois, carregavam consigo sangue português.

Durante toda a experiência humana, o ser humano se construiu graças a histórias contadas, ou seja, narrativas, muitas delas sobre as próprias experiências. Tratam-se, afinal, de memórias e de lembranças. O objetivo desta análise é demonstrar que muitas pessoas não dão mais importância às narrativas orais e, por isso, fenecem ou caem no esquecimento. Não por acaso, torna-se cada vez mais difícil investigar representações do território e da subjetividade, tendo em vista que as narrativas orais são negligenciadas. Sendo assim, após um trabalho de campo com narradores natos de histórias orais, realiza-se um estudo que busca reforçar a importância dessas narrativas e, para tanto, procurar-se-á analisá-las a partir do que se denomina, em Teoria da Literatura, como Narratologia. Pretende-se assim

identitária dos seus sujeitos, analisando também sob um viés teórico-poético que dará como resultado a transcrição e reescrita dessas narrativas.

³ Marcos, João, Pedro, Bento, Lúcia, Vera, Nadir, Neide, Carolina e Cleide.

demonstrar sua importância e aquela de muitas outras histórias. Segundo Jeanne Marie Gagnebin:

Na história, na educação, na filosofia, na psicologia o cuidado com a memória fez dela não só um objeto de estudo, mas também uma tarefa ética: nosso dever consistiria em preservar a memória, em salvar o desaparecido, o passado, em resgatar, como se diz, tradições, vidas, falas e imagens (GANGNEBIN, 2006, p. 87).

A origem das narrativas orais do interior

No momento da Iniciação Científica, foram realizadas filmagens através de entrevistas, a partir de um roteiro inicialmente elaborado, e registradas com equipamentos audiovisuais, formando assim um *corpus*. Este *corpus* é composto por quatro horas de vídeo, nas quais os dez irmãos da família Silva narram, de forma oral, em gravações em vídeo e áudio, histórias/memórias de suas infâncias. Para isto, a análise das narrativas durante o estudo de Iniciação Científica não levou em conta apenas a narração em si de um acontecimento em termos de seu conteúdo discursivo, mas, principalmente, a maneira e o estilo graças aos quais se narra um relato.

Este *corpus* permite investigar diversos temas como, dentro outros, a questão do interior, contemplada em seus dois sentidos, da infância no interior, aspectos relacionados ao gênero, as brincadeiras infantis que se mesclam com o trabalho infantil, as festividades, a religiosidade, o esquecimento, as diferentes memórias de um mesmo acontecimento (memória dúbia), os traumas na criação, os afetos, o luto e, principalmente, a subjetividade e o território.

Durante a Iniciação Científica, o objetivo central era a análise da memória corporificada, por meio de transcrições, através do *software* ELAN⁴, buscando também observar conceitos relacionados à performance, à memória e à narrativa de si. Entretanto, o foco desta Pesquisa mudou: durante a elaboração do projeto para o Mestrado, foi possível compreender que as questões literárias e poéticas também estavam presentes nas narrativas e que deveriam ser inevitavelmente exploradas. Dessa forma, a análise dessas narrativas passaria a convocar outros lugares, lugares teóricos enunciados pela *Narratologia*, pela autoficção, pela performance, pela voz, pelos afetos, pela história e pela escrita de si, para

⁴ ELAN é um *software* que permite fazer anotações textuais, em várias camadas, em arquivos de áudio e/ou vídeo, incorporando ferramentas avançadas de registro de observações linguísticas na interação comunicativa observada.

assim dar vida às memórias que estão sendo e serão, ao longo da pesquisa, re(inventadas) e transformadas sob o viés da poeticidade e da subjetividade.

Um *corpus* narrativo: entre a subjetividade e a oralidade

Analisar o *corpus* sob o viés da Narratologia significa dizer que será feita a proposta de um exercício de leitura da sua composição poética — da transcrição para o escritural. Os corpos que se experimentam na oralidade estão ganhando, então, o registro da escritura, transformando-se em um *corpus* escrito sobre o qual se debruça uma operação teórico-interpretativa. Eis porque, atualmente, são observados o caráter performativo, a voz, os afetos e a escrita de si — e, graças a essa observação, pode-se indicar como a subjetividade advém em diferentes modos de manifestações literárias. Por isso mesmo, observa-se como a literatura pode ser um instrumento para a compreensão e a formação dessas identidades individuais e identidades coletivas que se movimentam entre a ficção e o relato.

Importa assinalar que os afetos são, igualmente, motivo e objetivo dessa pesquisa, mesmo que de forma lateral, mas não menos importante — deve-se considerar que as narrativas são movidas pela afetividade entre os narradores—irmãos, e que cada história carrega em si um misto de experiência, saudosismo e muito afeto. A oralidade, ou, se se preferir, a *oralitura*, conceito denominado para indicar a junção de gestos performáticos grafados pela voz e pelo corpo, transforma-se pouco a pouco em escrituralidade: as narrativas orais narradas pelos dez irmãos estão sendo escritas e (re)inventadas poeticamente; essas vozes ligadas à terra, vozes ligadas à origem pertencem inegavelmente à invenção poética e, por conseguinte, ganham um protagonismo. Além disso, cabe ressaltar que também haverá uma intervenção nas histórias contadas: a busca da reinvenção escritural dessas narrativas confere à pesquisadora desse *corpus* outro corpo, corpo autoral que interage com as histórias contadas pela família e delas se reapropria, uma reapropriação dessas histórias contadas por essa família. É incontornável concordar com Hanna de Araújo (2021, p. 04): “[...] uma infância rica em vivências suscita memórias afetivas”.

Além disso, é importante destacar que as comunidades de traços caipiras abordam as práticas de narração de forma oral, de acordo com Antonio Candido no livro *Os Parceiros do Rio Bonito*, assim como a família Silva que será abordada e desenvolvida neste estudo.

A importância do território nas narrativas interioranas

O território nas narrativas tem, igualmente, papel fundamental para a análise dessas histórias, tendo em vista que remetem a um interior (regional, mas também simbólico e poético, levando em consideração o interior de cada ser que faz parte dessas narrativas) e às muitas lembranças que só ocorreram por conta do encontro dos narradores neste lugar – palco das memórias que foram narradas e que agora são investigadas e analisadas. O lugar principal se denomina “Martinópolis”, entretanto, vale observar que muitas narrativas aconteceram ainda mais para o interior, Teçaindá, também conhecido como dezoito. A localização proporciona muitas coisas, inclusive a narração de experiências fantásticas, de lendas, fábulas e invenção de mitos/lendas como, por exemplo, o bandido no sítio, que estão sendo desenvolvidas no *corpus*.

A família Silva tem um interesse particular em contar histórias e, entre seus membros, há narradores e contadores de história natos. Martinópolis é um município brasileiro do Estado de São Paulo, como já dito anteriormente, os elementos responsáveis pelo crescimento desta cidade foram a agricultura e a ferrovia que, entretanto, foram também os responsáveis pelo seu declínio. Até a chegada da ferrovia, em 1917, o território era formado de matas e campos. A construção da ferrovia tinha o intuito de abrir fronteiras, fazendo com que os grandes donos de fazendas (geralmente de café) fizessem o loteamento e a colonização. A ferrovia chegou em Martinópolis em 5 de agosto de 1917, embora naquela época não tivesse o nome atual. Em 20 de Dezembro de 1929, o povoado foi elevado à categoria de Distrito de Paz com o nome de Distrito de José Teodoro. E apenas em 29 de Janeiro de 1939, o Distrito de José Teodoro foi elevado à categoria de Município com o nome de Martinópolis, em homenagem ao colonizador, o Coronel João Gomes Martins.

Em 1922, a Empresa de Colonização Martins adquiriu algumas fazendas na região, dando origem à ocupação. As transações imobiliárias se intensificaram na década de 1920, quando a empresa colonizadora passou a vender lotes rurais e urbanos localizados nas proximidades da estação ferroviária (DALTOZO, 1999).

E de acordo com Souza,

O processo de ocupação da região se deu a partir do início do século XX, com a construção da Estrada de Ferro Sorocabana, a qual viabilizou a expansão da cafeicultura [...] No distrito de Teçaindá situam-se vários bairros rurais, os quais foram constituídos a partir de processos de ocupação bastante semelhantes. São os casos da Vila Santa Luzia (km 25), Vila dos Bandeirantes (km 30) [...] Nesses bairros predominam as pequenas propriedades rurais (SOUSA, 2002).

Todavia, a partir de 1950, ocorreu uma grande emigração dos jovens para as cidades maiores da região, do Estado de São Paulo e até mesmo para a capital paulista, em busca de melhores condições de vida e trabalho. Até 1970, a população rural era maior do que a urbana, mas em 1980 essa situação mudou – a população urbana passou a ser maior do que a rural. Foi exatamente o que aconteceu com alguns membros da família Silva, quatro homens e quatro mulheres foram para a cidade de Osasco, divisa de São Paulo, em busca de melhores condições, aproximadamente no meio da década de 1970, de 1975 até 1979, sendo que todos possuíam seus 20 e poucos anos. Uma vez que Marcos, o mais velho, foi o primeiro a iniciar esse processo e logo em seguida seus irmãos o seguiram: João, Pedro e Bento. Entretanto, apenas os quatro homens e uma mulher permaneceram na cidade ou mudaram para outras localidades próximas, sendo esta mulher: Cleide, que até hoje vive em Osasco. Enquanto as outras três mulheres retornaram para a cidade de Martinópolis depois de alguns anos – uma espécie de regresso às suas origens. A mais nova, Carolina voltou, pois, havia se divorciado, a outra irmã, Vera voltou apenas quando o marido se aposentou e, por fim, Lúcia, a mais velha, voltou quando as filhas já estavam casadas e formadas.

É fato observar que a motivação desses em se mudar de Martinópolis deu-se pela busca de melhores condições de vida, principalmente de trabalho. Tal questão pode ser evidenciada na escolaridade de cada irmão. Dos quatro homens que se mudaram para a cidade grande, três cursaram ensino superior. Já as mulheres, cuja maioria ficou na pequena cidade, apenas terminaram o ensino médio – observe-se que a mais velha terminou os estudos quando já era adulta, já que após o falecimento da mãe precisou cuidar dos irmãos mais novos.

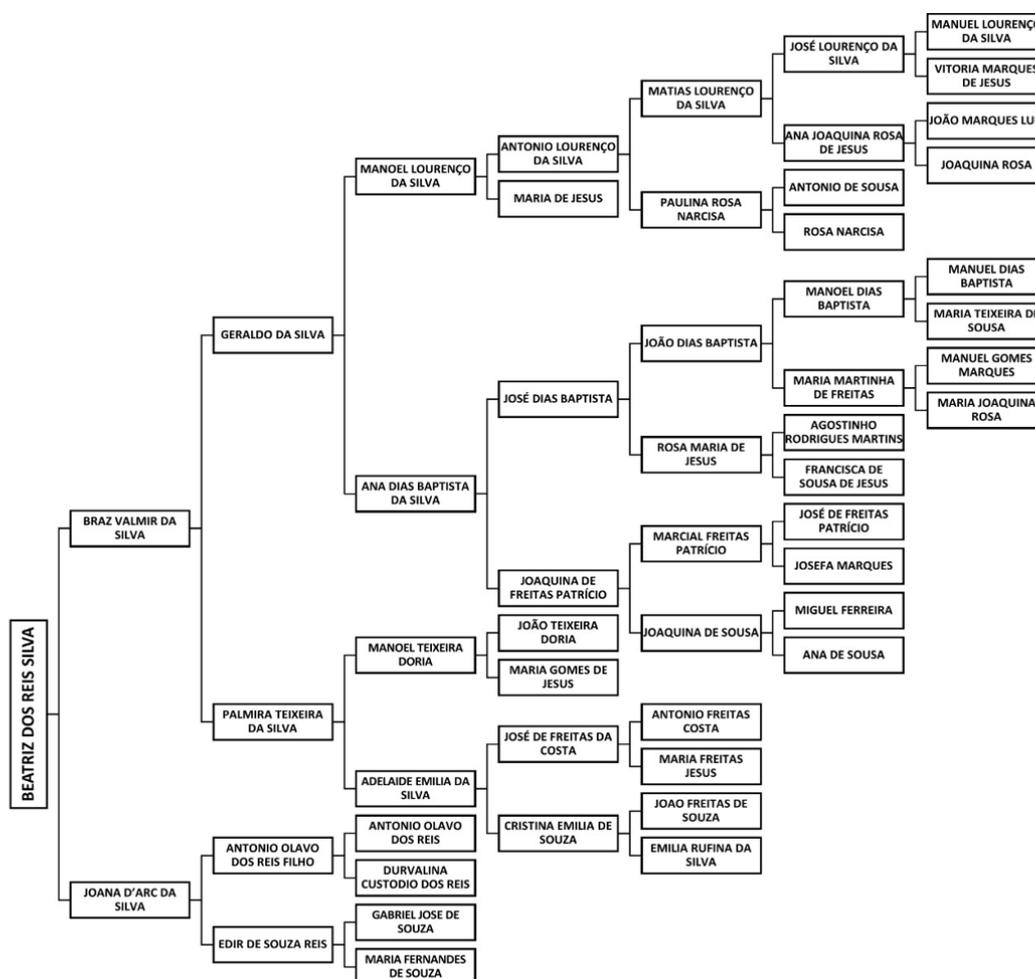
Apesar disso, as irmãs que permaneceram em Teçaindá e em Martinópolis carregam consigo a narrativa das histórias da infância. Dê-se destaque a uma em particular: àquela, a única, que nasceu e continuou morando em Teçaindá, exatamente na mesma residência em que a maioria das histórias gravadas aconteceram, há aproximadamente 40/50 anos atrás. Faz-se aqui a hipótese de que essa é uma narradora de histórias nata e a que mais detém essas narrativas, delas se apropriando com detalhes.

Em relação ao processo migratório, este ocorreu de forma cronológica, tendo em vista que se iniciou com os mais velhos. O filho mais velho foi o primeiro a vir para São Paulo em busca de melhores condições de vida, sendo que este inclusive é o que de fato detém uma vida financeira mais estável. Os outros vieram em seguida e a cidade escolhida para morar

fora Osasco, vieram todos de trem; os homens estavam solteiros e se casaram em terras próximas à capital paulista, já as mulheres, as irmãs, vieram apenas após se casarem. Os irmãos foram para o ramo da economia, contabilidade e investimento, enquanto as mulheres foram: a educação.

É possível analisar que o processo de migração já estava desde sempre inserido nas raízes da família Silva, tendo em vista que se iniciou com seus antepassados, que vieram de Portugal para o Brasil. Durante a elaboração deste artigo e também durante a pesquisa de mestrado foi realizado um estudo sobre a linhagem e as origens desta família:

Imagem 2: Linhagem da família Silva



Fonte: Elaborada pela autora.

Fundamentação teórico-metodológica e o papel da memória nas narrativas

De acordo com o professor de psicologia e estudioso das narrativas, Jérôme Bruner,

Falo um pouco dos relatos e das narrativas de forma generalizada. Pois é muito provável que a forma mais natural e mais imediata de organizar nossas experiências e nossos conhecimentos seja a forma narrativa (BRUNER, 1991).

Isto é, o ser humano é um ser sociável, que se organiza através da narrativa, através das histórias contadas, muitas delas relacionadas à representação do real, à sua realidade, sendo estas essenciais para compreender a identidade e a subjetividade de cada um. Além disso, é relevante enunciar que somos seres da narrativa (BRUNER, 1997).

Para Michèle Petit, a narrativa é uma necessidade do ser humano, pois,

De fato, ao longo da vida, para construir um sentido, para nós construirmos, jamais deixamos de contar, em voz alta ou no segredo da nossa solidão: nossas vidas são completamente tecidas por relatos, unindo entre eles os elementos descontínuos (PETIT, 2009, p. 122).

Além disso, Guilherme Prado faz uma breve explicação sobre o papel da narrativa:

A narrativa supõe uma seqüência de acontecimentos, é um tipo de discurso que nos apresenta com a possibilidade de dar à luz o nosso desejo de os revelar. Podemos dizer que a narrativa comporta dois aspectos essenciais: uma seqüência de acontecimentos e uma valorização implícita dos acontecimentos relatados. E o que é particularmente interessante são as muitas direções que comunicam as suas partes com o todo. Os acontecimentos narrados de uma história tomam do todo os seus significados. Porém, o todo narrado é algo que se constrói a partir das partes escolhidas. Essa relação entre a narrativa e o que nela se revela faz com que suscite interpretações e não explicações – não é o que explica que conta, mas o que a partir dela se pode interpretar (PRADO, 2007, p. 3).

Sendo assim, é importante ressaltar o papel do narrador na contação de histórias, de narrativas orais; a seleção da narrativa depende exclusivamente do seu narrador, pois é ele quem seleciona, exclui ou mesmo acrescenta informações ao ato de narrar e, conseqüentemente, à sua realidade.

‘Não por acaso, foi possível observar, a partir do *corpus*, que há divergências no contar de uma mesma narrativa — duas narradoras, duas irmãs, narram, por exemplo, a mesma história, de formas totalmente distintas, cada uma a partir de seu ponto de vista. A história narrada necessita de contextualização: as duas irmãs mais novas, Cleide e Carolina, foram criadas separadas. A mais nova, Carolina, pelos avós maternos, e Cleide, a segunda mais nova, pelo pai e pelos outros 8 irmãos. Elas relatam justamente essa diferença de criação, diferença que afetou muitíssimo as duas, sobretudo Carol que, em muitos momentos, fala em-trauma por ter sido criada longe dos irmãos.

No artigo publicado durante a Iniciação Científica, pude relatar um pouco sobre essa distinção entre as irmãs, que foi brevemente enunciada — leia-se a passagem em que é possível perceber a diferença na narração:

Transcrição 1 - Diálogo com Cleide - “E eu tinha uma inveja “boa” dela [...]”

CLEIDE ⁵: depois a minha avó mudou pra lá também com a Carolina e nós ficamos perto uma da outra (risos)

CLEIDE: ai lá eu arrumei muito amigo, muitas amigas, eu brincava muito, brincava demais

CLEIDE: ia pra cachoeira, é é, não tinha medo das cobras, desobedecia meu pai (risos e desvio de olhar)

PESQUISADORA: aprontava né, Madrinha? (risos)

CLEIDE: aprontava, aprontava bastante

CLEIDE: e a Carol, a Carol, a Carol já não fazia isso porque meu avô não deixava (direcionamento de olhar e movimento das sobrancelhas indicando conformidade)

PESQUISADORA: uhum

CLEIDE: então ela tinha tinha uma certa mágoa talvez porque eu ia pros bailinhos, era bailinho de conjunto

CLEIDE: era muito legal, dançava tudo

CLEIDE: e ela nunca podia fazer

PESQUISADORA: ficava na praça até até mais tarde

CLEIDE: na praça a gente ficava às vezes até amanhecer o dia

CLEIDE: tanto que depois, nós, às vezes a gente ficava até altas horas na praça, conversando, tocando violão com os amigos (direcionamento de olhar para cima como se fosse para lembrar)

CLEIDE: no outro dia na escola os professores reclamavam porque tinha professor que morava lá perto e dizia que a gente não deixava eles dormirem (risos)

CLEIDE: e a Carolina já não fazia isso porque o meu avô não deixava

CLEIDE: ai ela, é é é

CLEIDE: mas e ela talvez tivesse

CLEIDE: um pouco de mágoa de mim por eu ser muito livre

PESQUISADORA: uhum

CLEIDE: e eu tinha uma inveja “boa” dela porque ela era criada com a minha vó e na casa da minha vó a comida era mais gostosa

PESQUISADORA: sim

CLEIDE: ela tinha mais coisa, tinha toddy pra tomar de manhã

CLEIDE: e a gente não tinha

silêncio verbal

PESQUISADORA: roupa também tudo né

CLEIDE: é, as roupa, sapato, tudo ela tinha melhor

PESQUISADORA: uhum

CLEIDE: mas eu era mais livre

PESQUISADORA: uhum

CLEIDE: e assim o fato que ela falou da comida era verdade, toda vez que ela ia, quando eu podia chegar lá na hora que ela tava almoçando pra pegar comida dela eu fazia (risos)

CLEIDE: porque a comida era muito boa

PESQUISADORA: uhum

CLEIDE: e as vezes ela ia lá em casa e eu achava ruim que ela ia na hora do meu almoço (risos)

Esse momento fora narrado por Cleide: ela deixa claro que possuía uma “inveja boa” da irmã, devido às melhores condições de vida, mas que tinha mais liberdade: podia ficar até mais tarde na praça, ir aos bailes; Carol, criada pelos avós, não desfrutava dessa liberdade.

⁵ Cleide: era a segunda caçula da família, atualmente tem 58 anos, cursou até o ensino médio, trabalhou a vida toda em creche e essa pesquisa foi realizada em sua residência, em Osasco.

Transcrição 2 - Diálogo com Carolina.

CAROLINA: ⁶ Ô morava do lado as casas, a Cleide batia perna o dia inteiro e o vô não deixava eu sair

PESQUISADORA: Nossa

CAROLINA: Ai eu ficava assistindo televisão e escutando ela lá na na praça morrendo de rir

CAROLINA: Ela, a Landa, as meninas tudo e eu dentro de casa

A narrativa é a mesma, ambas narram uma história da sua infância/adolescência, o momento em que, por exemplo, uma das irmãs ficava na praça da pequena cidade até tarde, enquanto a outra tinha de ficar em casa. Percebe-se que Carol conta apenas o relato sobre a angústia de ficar em casa enquanto a irmã era mais livre. Omite, entretanto, o fato de ter condições melhores de vida, condições alimentares, de vestimenta e de estudos. Já Cleide conta que era inegável, ser mais livre que a irmã, sem, contudo, possuir as mesmas condições de criação.

Ainda de acordo com Prado,

As histórias que lemos e ouvimos nos remetem sempre às nossas próprias histórias e às nossas experiências pessoais; que o narrador tem intenções nem sempre explícitas; que as narrativas são polissêmicas – ou seja, têm múltiplas possibilidades de interpretação; que embora sejam canônicas, modelares, a arte de narrar pressupõem alguma transgressão que contrarie as expectativas de quem ouve ou de quem lê; que elas ‘criam realidades’; que são as escolhas do narrador que dão o contorno da problemática de que o texto trata; que relacionamos de alguma forma as histórias que ouvimos e lemos com a nossa própria vida; que as histórias dialogam umas com as outras, se inter-relacionam. E para seguir fazendo jus aos que trataram do assunto melhor do que poderíamos fazer, nos alinhamos agora com Walter Benjamin, para endossar sua defesa de que somos todos historiadores, quando produzimos histórias, quando relatamos os fatos, quando registramos nossas memórias; que o ato de contar uma história faz com que ela seja preservada do esquecimento, criando-se a possibilidade de ser contada novamente e de outras maneiras; que o sentido das histórias só se constrói no olhar do outro, na relação com outras histórias (PRADO, 2007, p. 5).

Além disso, é possível observar que muitas vezes a memória se torna dúbia entre os contadores de história, pois um mesmo acontecimento é lembrado de formas diferentes entre mais de um irmão, afinal cada pessoa tem suas próprias recordações, que não podem ser transferidas para ninguém. Como é o caso do fragmento em que dois irmãos se reúnem para contar histórias e narrar a respeito da casa em que moraram, estes dois irmãos, de idades próximas, são os do meio entre os dez irmãos, Bento e Neide. Eles narram que teriam morado em três casas, mas segundo Lúcia, a irmã mais velha dos dez irmãos, eles haviam morado em

⁶ Carolina: a caçula dentre os 10 irmãos, tem 55 anos, cursou até o ensino médio e trabalhou a vida toda em um colégio municipal da cidade em que nasceu e vive até hoje, a entrevista ocorreu em sua residência na cidade de Martinópolis.

apenas duas casas, entretanto, a confusão se deu porque uma das casas sofreu uma reforma enquanto eles eram pequenos, ou seja, tendo os cômodos aumentados conforme os irmãos foram nascendo e por isso tinha-se essa impressão de que era uma outra casa. Mas Bento e Neide eram muito pequenos para se lembrarem disso.

Sabemos, portanto, que o passado vivido e o passado narrado não são exatamente iguais. As narrativas são um ato de contar, expressar, reconstruir e, por isso mesmo, re-configurar, metamorfoseando-as, experiências de vida. Lembrança, portanto, é uma reconstrução do passado, que se altera conforme os anos passam (BOSI, 1998). Ainda de acordo com Alfredo Bosi: “[...] na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, 1994, p. 55).

É de suma importância conhecer as origens para compreender o presente, a busca da representação do real, a importância do território e a verossimilhança nas narrativas apresentadas formulam um estudo que tem como objetivo principal análise da subjetividade dos narradores para, de certa forma, eternizar tais narrativas, pois “[...] o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal” (RICOEUR, 1994, p. 15).

Outro motivo que pode ser observado nas narrativas orais da família Silva é o papel do trauma. O maior trauma vivido por esta família foi o luto, a perda da mãe quando ainda eram pequenos. A mais nova, já mencionada anteriormente, Carol, tinha apenas 3 meses de vida — é por isso que foi criada pelos avós. Carol é a que relata as mágoas e angústias dessa situação, do luto. Não é como se ela se lembrasse do que acontecera, mas relata a indignação em relação às consequências que este luto proporcionou em sua vida. Defende em sua narrativa que não teve culpa por ter desfrutado de uma vida melhor e que preferiria ter sido criada com os irmãos. E deixa claro, em muitos momentos, que ter sido separada ainda tão pequena gerou muitas frustrações em sua vida como, por exemplo, perdas de memórias e lembranças que poderia ter compartilhado com seus irmãos. Ainda, e talvez mais motivo de maior desilusão, nunca pode chamar ninguém de mãe. Para Carolina, contar a sua experiência traumática de criação configura-se como uma libertação interior, mas também como uma defesa de si, pois muitas vezes fora julgada como a irmã que teve tudo o que sempre quis, enquanto os outros 9 irmãos passavam por mais necessidades.

A representação da importância do território interiorano segue nas narrativas da família Silva, como já foi mencionado. Vale destacar os relatos sobre a célebre famosa Festa de São Pedro que se deram na infância dos contadores, que a narram com detalhes. Segundo Bruner (1991), “[...] famílias criam, similarmente, um corpus de histórias conectadas e compartilhadas”. Vale assinalar que até o ano de 2023 a Festa de São Pedro segue ativa, há mais de 80 anos.

Outras narrativas também encontradas nesse *corpus* são as referentes à escola, às festas de Ano Novo e de Natal na casa dos avós, os bailes, à famosa festa de São Pedro, o caso do suposto ladrão do sítio, dentre outras.

A festa de São Pedro, festa religiosa típica da região de Teçaindá, é narrada pelos irmãos como a festa mais importante do ano, que acontecia sempre no dia 29 de junho, dia de São Pedro. Trata-se de uma quermesse que une barracas, *shows*, missa e, algures, até mesmo bailes. Para os narradores, quando crianças, esta época era sinônimo de roupa nova, a única ocasião em que esses irmãos ganhavam uma vestimenta nova ou, pelo menos, um sapato novo. Segundo Cleide, uma das narradoras, a festa era quase mais importante do que o Natal. Além disso, haviam os terços que aconteciam semanalmente em cada sítio e, enquanto os mais velhos rezavam, os mais novos se reuniam para brincar de roda, passar chapéu, entre outras brincadeiras.

Já durante a adolescência, ainda na festa de São Pedro, eles puderam vivenciar os “bailinhos”, bailes que aconteciam durante a festa e que reunia a cidade toda e até mesmo habitantes de outras cidades da região. Além disso, esses jogavam io-iô durante a festa, as meninas nos meninos e os meninos nas meninas, para chamar a atenção, sendo esta uma espécie de flerte.

Outras festas que marcaram a infância desses contadores são o Natal e o Ano Novo. O Natal acontecia no sítio do avô paterno, reunia todos os filhos e netos – estimava-se a presença de 50/80 pessoas. A avó ficava três dias caçando frango e descascando batatas, com a ajuda das tias. Papai-Noel não existia para eles. No dia de Natal, a mesa era posta no quintal para abrigar todo mundo, uma mesa enorme que a todos acolhia. A comida que predominava era o macarrão, sendo que era função das crianças ralar o queijo. Já o Ano Novo dava-se na casa do outro avô, o materno, e também reunia toda a família. A alegria das crianças era derrubar as caixas de marimondo para pegar o mel, no quintal do sítio do avô. Para Neide - outra irmã -, o cheiro do pão da avó feito para esta festa persiste até hoje e ela nunca mais

comeu um pão com o mesmo sabor, ou seja, há uma memória proustiana, isto é, uma memória olfativa (ou involuntária), pois a mera exposição a um estímulo desencadeia automaticamente uma lembrança intensa do passado.

Outra festa importantíssima para a infância destes era a festa de São João, que era realizada no próprio sítio dos avós. Uma das tradições desta festa religiosa era a crença, para quem possuía fé, que poderia passar descalço na brasa da fogueira de São João sem se queimar – de acordo com esses narradores, muitos passavam e, efetivamente, não queimavam o pé. Além disso, a avó preparava uma bebida especial para este dia, chamada de “anisete”, feita com anis – uma parte com “pinga” e a outra sem, para as crianças. Cleide narra que a avó fazia barris e mais barris dessa bebida...

Sendo assim, muitas festividades remontam à religião:

A religião exerce papel fundamental e as festas religiosas aparecem como complemento das atividades, como memória e lembrança dos acontecimentos vivenciados pelo grupo. Atualmente a programação consiste na realização de grandes festas que duram três ou quatro dias. São planejadas durante meses e preparadas pela comunidade através de trabalho voluntário, contando com ajuda das associações locais e do apoio político (COELHO, *Apud* DE SOUZA, 1999).

As histórias analisadas não possuem uma referência temporal atual – referem-se a uma remota infância de 40/50 anos atrás. Entretanto, são histórias conhecidas por todos os participantes, pois conhecem o seu conteúdo ou viveram, subjetiva e coletivamente, os episódios narrados.

Além disso, como afirma Maurice Halbwachs (2003) é muito difícil criar uma memória que não contenha interferência das experiências coletivas em que se entrecruzam com a visão social, uma vez que as lembranças dos indivíduos são construídas a partir de sua relação de pertencimento a um grupo – a memória coletiva é, por conseguinte, isto é, para uma memória existir é necessário que ela esteja viva e junta de seu suporte — o grupo a que pertence, grupo que deve possuir indivíduos que participaram daquelas histórias. Leia-se, com proveito, o que diz Paul Ricoeur (2012, p. 4, *tradução nossa*)⁷:

Nunca estamos sozinhos, ninguém se lembra sozinho, mas sim com a ajuda das memórias dos outros e com os códigos culturais compartilhados, mesmo que as memórias pessoais sejam únicas e singulares. Essas memórias pessoais estão embutidas em narrativas coletivas, que muitas vezes são reforçadas em rituais e comemorações em grupo.

⁷ No original: Si la vida es el original, el recuerdo es una copia del original y el apunte una copia del recuerdo. Pero ¿qué queda de la vida cuando uno no la recuerda ni la escribe? Nada. Hay muchos pedazos de nuestra vida que ya no son nada, por un simple hecho: porque ya no lo recordamos. Todo lo que no se recuerda ha desaparecido para siempre.

Sendo assim, Jelin (2012) nos dirá que as memórias são individuais (subjetivas), mas igualmente coletivas (intersubjetivas), ou seja, relacionam-se e estabelecem forças e experiências que dialogam entre si. Dessa forma, as narrativas da família Silva podem ser classificadas como narrativas coletivas da memória da infância desses contadores de história. De acordo com Vigotski, a elaboração da narrativa se constitui na relação com o outro. (VIGOTSKI, 2001),

Imagem 3: Banco da família Silva em frente a uma das casas em que os 10 irmãos foram criados. A letra “L” foi adicionada depois com tinta.



Fonte: Elaborada pela autora.

A localização, conforme dito anteriormente, proporciona muitas coisas, como a união e o elo entre os irmãos narradores, como ilustrado na imagem acima, que se trata do banco da família Silva, especificamente de Geraldo da Silva e Família.

Além disso, a localidade também influencia, inclusive, na criação de mitos e lendas, como por exemplo a história do bandido no sítio. A história foi narrada por cinco irmãos, em um dos encontros. O ocorrido aconteceu no sítio ao lado, que também era da família, dos tios. Certa noite surgiu um assunto de que havia um homem rondando esse sítio ao lado, que ele havia sido visto próximo a uma goiabeira, dentro da mata. A partir desse dia, a fama do

suposto ladrão correu por todos os sítios e, então, dias depois, após verem diversos rastros e pegadas, todos os vizinhos se reuniram, armados, para encontrar esse homem. As crianças foram mandadas para casa de parentes enquanto a busca acontecia. Relata-se que, nesse período, diversas polícias das regiões próximas foram até o local em busca do homem. Os rastros e as pegadas estavam no chão e diversos relatos afirmavam tê-lo visto de longe. Entretanto, até os dias de hoje, ninguém sabe quem era essa pessoa que rondava os sítios. Inventava-se, assim, uma lenda...

A ‘verdade’ narrativa é julgada por sua verossimilhança e não por sua verificabilidade. Isso parece apontar para o fato de que há algum sentido em dizer que a narrativa mais do que referir a ‘realidade’, pode criá-la da mesma maneira que a ‘ficção’ cria um ‘mundo’ para si própria (BRUNER, 1991).

Um outro mito era o da paineira iluminada. No sítio onde os irmãos cresceram, não havia luz elétrica e perto da entrada da casa havia uma árvore muito grande, uma paineira, que toda noite acendia uma luz... A partir daí, as crianças morriam de medo dessa luz na paineira que levava as crianças a se esconderem debaixo da cama e ouvirem diversos barulhos... No dia seguinte, invariavelmente, a luz desaparecia. Afinal, de acordo com Bernardo Kucinski “[...] tudo aqui é invenção, mas quase tudo aconteceu”. Ou, a se concordar com Bruner,

As narrativas são uma versão de realidade cuja aceitabilidade é governada apenas por convenção e por ‘necessidades narrativa’, e não por verificação empírica e precisão lógica, e, ironicamente, nós não temos nenhuma obrigação de chamar as histórias de verdadeiras ou falsas (BRUNER, 1991, p. 4).

Diga-se ainda, com Gangnebin,

Precisamos inventar estratégias de conservação e mecanismos de lembrança. Criamos, assim, centros de memória, organizamos colóquios, livros, números especiais, recolhemos documentos, fotografias, restos e, simultaneamente, jogamos fora quilos e quilos de papel (GANGNEBIN, 2006, p. 87).

Não hesitaremos, pois, aqui em reforçar a ideia da importância da preservação das memórias e das lembranças, para que, na sociedade contemporânea, não possam ser esquecidas e negligenciadas.

A cidade toda carrega em si um emaranhado de histórias, memórias e poeticidade. A escola E.M.Dr. Francisco Marques Bonilha foi criada em homenagem a Francisco Bonilha, antigo e famoso médico da cidade, responsável por diversas conquistas como, por exemplo, a criação da Santa Casa na pequena cidade. A escola foi igualmente um dos locais mobilizados pelos narradores: eles narram que o caminho até a escola era árduo, era preciso atravessar os

pastos (muitas vezes até correr das vacas), a mata (com vários macacos) e o rio para, enfim, chegar à escola. A escola era pequena, com apenas uma sala, onde se reuniam alunos de todas as idades; as professoras dividiam as turmas por fileira: 1ª série, 2ª série e assim por diante.

É fato que as histórias investigadas e analisadas nesta pesquisa só existem devido a sua localidade. Se fosse outro o lugar elas perderiam, e muito, toda sua poeticidade e subjetividade. Essas narrativas são apenas possíveis em razão a seu espaço caipira, interiorano, com todas as especificidades que proporciona, desde as questões religiosas às culturais, passando pelas eminentemente festivas. Além disso, o território tem papel fundamental e excepcional para/nestas narrativas, tendo em vista que é até mesmo como se fosse uma personagem da história: ela faz parte de todo o enredo e de todas as lembranças da família Silva, pois apesar de muitos terem se mudado após atingirem a maioridade, a contação de histórias não se perdurou em outros locais. Já as memórias relativas à vida na cidade grande são pouco lembradas, ou melhor, quase nunca são mencionadas. O que perdura são as memórias da infância em Martinópolis, especificamente em Teçaindã.

Dessa forma, é nítida a importância do ambiente rural para a análise destas narrativas, pois é através deste cenário que as principais narrativas orais interioranas da família Silva acontecem, como por exemplo as festas e as práticas religiosas, costumes específicos da zona rural, principalmente a Festa de São Pedro e São João, afinal se tais histórias tivessem ocorrido em outro local, como na cidade, haveria uma perda significativa de tradição e cultura.

Considerações Finais

Esta análise se propôs a elaborar algumas questões que contemplassem a questão de que é fato que as histórias investigadas e analisadas nesta pesquisa de mestrado são importantes para estudos narratológicos, principalmente no que se refere à representação da importância do território e da subjetividade. Lateralmente, é preciso considerar que diversas narrativas orais, muitas vezes, são menosprezadas e esquecidas.

As análises das narrativas compostas de histórias religiosas, culturais, festivas e, principalmente, pessoais, demonstram que graças à narração é possível, inegavelmente, investigar a subjetividade, as identidades e o território, em uma busca que eternize essas memórias e que assim trabalhe na preservação das narrativas orais interioranas, deixando claro papel desta preservação memorial.

Referências

- BENJAMIN, W. O contador de histórias: reflexões sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Linguagem, tradução, literatura: filosofia, teoria e crítica**. Ed. e Trad. J. Barrento. Lisboa: Assírio & Alvim, 2015. p. 147-178.
- BOSI, Ecléa. **Lembranças de Velhos: Memória e Sociedade**. 5ª Ed. - São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- BRUNER, J. A construção narrativa da realidade. **Critical Inquiry**, v. 18, n. 1, p. 1-21, 1991.
- CANDIDO, Antonio. **Os parceiros do Rio Bonito**. Estudos sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 11ª Ed. - Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2010.
- COELHO, Marília. **Memória, Identidade e Resistência Cultural**. 1999. Tese (Doutorado em Ciências Sociais), Araraquara: Universidade Estadual Paulista Julio Mesquita Filho - UNESP, 1999.
- DALTOZO, José Carlos. **Martinópolis, sua história, sua gente**. Martinópolis/SP: Gráfica Martipel, 1999.
- DALTOZO, José Carlos. **Crônicas Martinopolenses**. Martinópolis/SP, 2018.
- DE ARAÚJO, Hanna Talita Gonçalves Pereira. Narrativas na educação infantil: memórias entrecruzando infâncias. **TEXTURA-Revista de Educação e Letras**, v, 23, n. 54, 2021.
- GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Contagem Populacional**, 1996.
- JELIN, Elizabeth. **Los trabajos de la memoria**. 2ª Edição. Lima: IEP, 2012.
- PRADO, Guilherme do Val Toledo, and Rosaura Soligo. "Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação." In: **Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações**. Campinas: Alínea 1, 2007. p. 47-62.
- KUCINSKI, Bernardo. **Os visitantes**. Editora Companhia das Letras, 2016.
- REIS, C. Narratologia (s) e teoria da personagem. **Revista Desenredo**, v. 2, n. 1, 2006.
- REIS, C.; LOPES, A. C. M. **Dicionário de narratologia**. Coimbra: Almedina, 1998.
- REUTER, Y. **A análise da narrativa: o texto, a ficção e a narração**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2002.

RICOEUR, P. **Tempo e narrativa II**. Campinas: Papyrus, 1995.

VIGOTSKI, Lev. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

Artigo submetido em: 10 de setembro de 2023.

Artigo aprovado em: 11 de novembro de 2023.